REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 323

11 DE DEZEMBRO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

A solução da crise franceza occupou durante muitos dias a attenção da Europa inteira.

A sahida inesperada de Julio Grevy da cadeira presidencial, sahida que ninguem podia prever quando se começou a fallar no *affaire* Limousin Chaffarel e no escandalo das condecorações, surprehendeu toda a gente, e mais do que isso, assustou todos os politicos europeus, porque a successão Grevy não estava absolutamente nada preparada; não se sabia ao certo quem seria chamado á investidura do supremo poder da republica franceza, e os nomes que se apresentavam com mais probabilidades, traziam todos complicações gravissimas, que podiam, d'um momento para o outro, alterar não só a tranquilidade da França, como tambem a paz da Europa.

Portugal não podia ser estranho a essa preoccupação geral, e durante alguns dias, o assumpto de todas as conversações, o objecto de todas as curiosidades, foi a crise franceza.

Por fim veiu a solução d'essa crise, e uma solução perfeitamente inesperada. Nenhum dos nomes em que todos fallavam com mais ou menos probabilidades sahiram da eleição, e um nome em que ninguem fallava, o nome de um homem em quem pessoa alguma pensava momentos antes, nem em França, quanto mais cá longe, para presidente da republica, sae de repente eleito por grande maioria de votos, para succeder a Grevy na cadeira presidencial.

Quando todos imaginavam que a lucta seria unicamente entre Ferry e Freycinet, quando já em Lisboa se faziam apostas valiosas ácerca de qual dos dois sahiria vencedor —porque, em Lisboa, aposta-se em tudo, menos nas corridas de cavallos! — quando toda a gente esperava anciosamente o telegramma da agencia Havas, com o resultado definitivo da eleição, cujo primeiro escrutinio puzera em primeiro logar Ferry e logo a seguir Freycinet, vem o telegramma e, com grande espanto, o eleito não é nem Freycinet, nem Ferry, nem mesmo o general Saussier, nem Brisson — o eleito é Sadi Carnot!

A maior parte da gente nem sabia sequer quem era Sadi Carnot, e esta ignorancia é muito desculpavel, desde o momento em que na vida publica do actual presidente da republica franceza, não tem havido nenhum d'esses factos notaveis, que põe um homem em evidencia, que o tornam conhecido.

Sadi Carnot, filho do senador Carnot é um engenheiro distincto que tem sido deputado varias vezes, sem ter dado muito que fallar de si, mas que tem duas qualidades proeminentes, que justificavam a sua eleição e que fizeram d'ella a melhor solução, a unica solução possivel da crise franceza.—uma grande seriedade de caracter, e desprendimento completo de qualquer grupo politico militante.

Nunca o *tertios gaudet* foi mais verdadeiro do que hoje.

A lucta era renhidissima entre Ferry e Freycinet, um e outro tinham amigos sinceros e enthusiasticos, inimigos terriveis e implacaveis — naturalmente ganhou o terceiro, aquelle que não tem amigos politicos, mas que exactamente por isso tambem não tem inimigos, que não tem obstaculos, nem incompatibilidades.

E quando todos receiavam seriamente que a eleição do novo presidente lançasse a França nas luctas civis, quando se temia que essa eleição viesse lançar na guerra civil os varios partidos que disputavam o poder, desde os radicaes até aos monarchistas, as camaras francezas, com um grande bom senso, com um alto patriotismo, pondo de parte, ante o perigo da patria, as suas questões partidarias, collocando o interesse da nação muito acima dos seus interesses politicos individuaes, elegem para presidente da Republica um homem que, não pertencendo a nenhum dos grupos politicos militantes, é uma garantia de paz, e de tranquilidade.

E a eleição de Sadi Carnot perfeitamente inesperada é recebida com alegria por toda a França, por toda a Europa, e consolida a republica franceza exactamente no momento em que a sua existencia parecia deveras compromettida e arriscada.

Em Lisboa, a eleição de Carnot produziu profunda surpreza e fez perder muitas apostas e fez ficar de cara á banda muitos d'esses sujeitos que lêem no futuro politico da Europa, como em livro aberto e que talham a seu bello prazer o mappa mundo, como os velhos de Tolentino.

Antes dos primeiros telegrammas officiaes dando grande maioria a Ferry, appareceram ahi uns telegrammas dizendo que Freycinet era o mais votado, e que segundo todas as probabilidades seria elle o eleito.

Estavamos ao lado d'um d'esses sujeitos, para quem a politica européa não tem segredos, quando chegou essa noticia; elle teve um sorriso e disse com o seu ar sybyllino.

— Isso pode ser novidade para alguem, para mim não é; eu já o sabia e ainda hontem á noite o disse, o eleito é Freycinet.

D'ali a nada vem o telegramma dando a maioria a Ferry.

— A Ferry? Exactamente. A mim não me surprehende absolutamente na-

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, NA EGREJA DOS PAULISTAS, EM LISBOA

(Segundo uma photographia de Marrão)

da. Quando ainda agora vocês estavam alli a fallar no Freycinet, eu estava-me a rir para dentro: sabia perfeitamente que o eleito era Ferry, nem podia deixar de ser.

A' noite veiu o telegramma com a eleição de Sadi-Carnot.

O homem que lê no futuro da Europa ia tendo uma syncope.

—Sadi-Carnot? Era previsto, eu ha que tempos que vi esse resultado nem podia deixar de ser, estava naturalmente indicado...

Mas os crentes desataram a rir-lhe nas bochechas, e Sadi-Carnot veio apeial-o do seu pedestal de grande politico estrangeiro.

Depois da politica franceza uma das cousas que n'estes ultimos dias mais tem chamado as attenções dos lisboetas foi a exposição dos projectos do parque para remate da Avenida da Liberdade.

Essa exposição realisou-se na sala grande da Camara Municipal, e foi muito visitada.

Nós só lá podemos ir uma vez, e ainda assim de corrida, sem tempo para examinar cada projecto de per si, já no seu *ensemble*, já nos seus promenores.

Entretanto, d'uma vista d'olhos rapida passada a todos esses projectos, nenhum d'elles nos deixou grande impressão; não nos parece que nenhum d'elles tenha grande novidade nem muita *localidade*.

Alguns d'esses projectos pareceram-nos phantasiosos de mais, deram-nos a impressão de *maquettes* de scenographia de magica, como por exemplo o da gruta e da estatua da liberdade illuminada a luz electrica; extranhámos tambem não encontrar em nenhum d,esses projectos estylo nacional, embora amodernisado e applicado ás circumstancias especiaes a que se destina esse projecto; entretanto, repetimos, a nossa visita foi muito rapida, não podemos fazer exame detido de nenhum dos projectos e portanto não podemos dar sobre elles opinião completa e fundamentada.

Não nos enganámos quando na nossa ultima chronica, adiando a nossa noticia ácerca do *Homem da Bomba*, a peça nova da Trindade, previamos que ainda hoje a encontrariamos em scena e fazendo *successo* n'aquelle theatro.

Assim é. O exito do *Homem da Bomba*, está ainda em toda a sua plenitude, a peça mantem-se no cartaz e todas as noites o theatro tem uma enchente, os artistas ruidosos applausos e a peça é recebida n'uma gargalhada permanente.

O *successo* do *Homem da Bomba* não nos surprehendeu, porque a peça veiu de França com um exito colossal, entretanto não calculavamos bem o effeito que a peça produziria *em pé*, porque a verdade é que o *Homem da Bomba*, é d'essas peças que não se podem avaliar muito bem pela leitura.

O titulo da operetta em francez é *Les Boussigneuls*, e nós tinhamol-a ha muito tempo na nossa estante hesitando em traduzil-a.

O exito que os *Boussigneuls* tinham em Paris era colossal; n'um anno tres theatros tinham lançado mão do famoso vaudeville com grande successo e tanto que em Paris, em algum theatro estando com a *guigne*, os emprezarios punham em scena os *Boussigneuls* e o enguiço quebrava-se logo.

Mas da leitura da comedia não se comprehendia muito bem a razão de ser d'este colossal *successo*.

A comedia é ligeira, tem algumas scenas deveras engraçadas, mas a *intriga*, o *quiproquo*, a *situação comica* que é o segredo do seu enorme exito, essas só se podem vêr na representação, e o seu effeito estonteador e hilariante perde-se completamente na simples leitura.

E por tudo isto tinhamos muita curiosidade de ver a peça representada. Vimol-a e comprehendemos logo o successo que teve em Paris e que está tendo em Lisboa.

O *Homem da Bomba* não é uma comedia cujo enredo se conte, não é uma obra d'arte que se discuta: é uma gargalhada continua, um disparate em tres actos, que faz rir tanto e sempre, que nem sequer dá tempo para se pensar no que se ouve.

O desempenho que a peça tem na Trindade é magnifico — Leoni, Joaquim Silva, Lucinda do Carmo e Amelia Barros, que tem a seu cargo os principaes papeis, são n'elles magnificos. A musica do maestro Gazul é facil, despretenciosa, mas bonita e animada, e de tudo isto junto resulta ser o *Homem da Bomba* uma das peças mais irresistivelmente comicas, mais contagiosamente alegres, que n'estes ultimos tempos se tem representado em Portugal.

No theatro de D. Maria deu-se um original portuguez, o drama *Samuel* do sr. Augusto de Lacerda, que se representou pela primeira vez na noite do beneficio da mãe do auctor, a festejada actriz Carolina Falco.

Não podémos assistir á representação d'esta peça, e por isso nada podemos dizer d'ella senão que foi applaudida e que o seu auctor um rapaz muito novo ainda, é um trabalhador persistente, que bem merece de todos quantos prezam as lettras portuguezas, pela fé e tenacidade com que se dedica ao trabalho.

Em S. Carlos estão a concluir as recitas da celebre cantora Emma Nevada e a principiar as de Adelina Patti.

Esta illustre cantora deve estreiar-se no dia 17 com a *Dinorah*, a ultima opera que entre nós cantou Emma Nevada. E cantou-a deliciosamente apesar de ser a primeira vez que fazia a magnifica opera de Meyerbeer.

A valsa da sombra valeu-lhe uma ovação enorme, e as *fioritures*, os passos difficeis, as cadencias com que Emma Nevada ainda mais difficultou esse trecho, já de si difficilimo, a nitidez, o brilho, o talento com que as executou, hão de ficar por muito tempo na memoria dos *dilletanti* de S. Carlos.

A gentil cantora americana teve entre nós um verdadeiro *successo*, deixa as mais bellas recordações, e a sua passagem pela nossa scena lyrica hade ser registada nos fastos do theatro lyrico, como a d'essas estrellas de primeira grandeza, que raras vezes visitam o nosso céo.

A *Dinorah* e a *Gioconda* foram as duas novidades lyricas d'estes ultimos dez dias: em ambas ellas se tornou muito notavel o illustre barytono portuguez Francisco de Andrade: tanto o papel de Hoël como o de Barnaba tiveram por parte d'elle uma interpretação magistral, e excedeu, nos dois papeis, todos os artistas que até agora os tinham desempenhado entre nós, o que não é pouca honra, desde o momento em que nos antigos *Hoel* se contam os nomes de Rota e Aldighieri, e nos antecedentes Barnaba, os de Cotogni e Dufriche.

Antonio de Andrade o distincto tenor cantou explendidamente a romanza do 2.º acto da *Gioconda*, conservando em todo o papel de Enzo a sua linha habitual de artista distinctissimo, que tem para a execução dos seus personagens, uma intelligencia delicada, e uma arte superior, que não são muito vulgares.

A Theodorini encontrou na *Gioconda* o seu colossal exito do anno passado.

Nos annaes do nosso theatro lyrico não figura creação mais completa do que a da famosa cantora na opera de Ponchielli: em toda a opera, e especialmente no ultimo acto, o trabalho de Helena Theodorini é verdadeiramente assombroso, e bastava elle para collocar a grande cantora em logar proeminente entre as primeiras glorias artisticas do mundo lyrico contemporaneo.

Gervasio Lobato.

A FAMILIA REAL NO NORTE DO REINO

VII

A recepção feita em Vianna á familia real foi em tudo esplendida.

Ao atravessar o comboyo a magestosa ponte, que se achava garridamente enfeitada de bandeiras e galhardetes, da cidade irromperam as girandolas dos foguetes, os repiques dos sinos e os sons das philarmonicas, ao passo que o rio era sulcado por numerosos barcos embadeirados.

Na estação, além das authoridades e pessoas qualificadas da localidade, estavam muitas damas de Vianna, Ponte do Lima, Ponte da Barca, Caminha, Coura, Monsão, Villa Nova da Cerveira e Valença vendo-se entre ellas as sr.as viscondessas da Aurora e de Folgoza e condessas da Torre das Donas e da Torre.

Tambem alli se achava o major de estado-maior do exercito hespanhol, o sr. D. Godinhes, que cumprimentou Suas Magestades e Altezas.

A familia real, acolhida com prolongadas demonstrações de jubilo, dirigiu-se para a sala da estação que lhe estava preparada, por entre uma ala de raparigas de Vianna com os seus lindissimos costumes, as quaes arremessavam nuvens de flores.

Suas Magestades e Altezas receberam ahi os cumprimentos, sendo offerecidas por essa occasião á rainha e á princeza D. Amelia, por um grupo de damas viannenses quatro magnificos *bouquets* de flores naturaes com explendidas fitas.

A' sahida da estação os regios excurcionistas, que eram aguardados por uma multidão immensa, foram febrilmente acclamados, dirigindo-se em seguida nos trens para a igreja matriz, onde foi celebrado um Te Deum, pelo reverendo arcipreste Silva Vianna.

Terminada a ceremonia religiosa, o cortejo encaminhou-se para o caes, sendo durante o transito sempre victoriadas Suas Magestades e Altezas.

As ruas ostentavam vistosos embandeiramentos e das janellas pendiam colchas de damasco, algumas d'ellas riquissimas.

Chegada ao caes, a familia real embarcou em um escaler da alfandega, tendo á pôpa um baldaquino de damasco vermelho. Seguiam-se outros escaleres com a comitiva, authoridades e mais convidados, bem como grande numero de barcos cheios de espectadores, que erguiam repetidos vivas. Entre esses barcos destacava-se o salva-vidas «Vianna» com os seus tripulantes de suestes de oleado, roupa de flanella branca e colletes de salvação. Os navios surtos no Cabedello estavam tambem embandeirados com os seus mareatos.

A familia real desembarcando, dirigiu-se para o pavilhão levantado na margem esquerda sobre os restos da antiga ponte, no sitio de S. Lourenço.

El-rei procedeu á inauguração solemne dos melhoramentos do porto de Vianna, batendo a primeira das estacas que devem constituir aquella obra.

Assignou-se depois o respectivo auto, e em seguida as pessoas reaes e comitiva dirigiram-se para o amplo pavilhão erguido no sitio de Nossa Senhora das Areias, onde foi servido o *lunch* offerecido pela camara municipal.

Esse pavilhão, delineado, bem como o da inauguração, pelo engenheiro o sr. Henrique Bravo, tinha diversos aposentos, luxuosamente mobilados.

O *lunch* foi de 150 talheres, vendo-se em aparadores requissimas e antigas pratas pertencentes a diversas familias de Vianna, e custosos bronzes do sr. visconde da Carreira.

Depois da familia real se levantar, trocaram-se particularmente diversos brindes, entre os quaes á imprensa de Lisboa e Porto e ao notavel caricaturista Bordallo Pinheiro, que tambem estava presente.

No emtanto as pessoas reaes tinham embarcado de novo, passeiando pelo rio e desembarcando no caes. Depois d'isso transitaram pela ponte metallica e voltaram ao pavilhão, de onde seguiram para a estação do caminho de ferro, acompanhadas de numerosos individuos em marcha *aux flaubleaux*.

Antes da partida, o sr. José Affonso da Camara Leme offereceu á sr.ª D. Maria Pia, um dos seus bellos trabalhos feitos ao torno mechanico. Era uma urna de marfim, em fórma de pyramide, artisticamente trabalhada.

O sr. Antonio de Sá Malheiro de Castro offereceu igualmente á princeza D. Amelia dous touros amestrados por elle, de fórma que podem ser atrellados a um phaeton, tirando-o como se fossem elegantes poneys.

Suas Megestades e Altezas antes de entrarem na estação, tiveram occasião de presencear as formosas illuminações que havia não só em diversas ruas, como ao longo do caes e que eram de um effeito deslumbrante.

A partida dos monarchas, as ovações repetiram-se calorosas e incessantes, coroando-se d'este modo os testemunhos de intimo respeito e affecto com que os monarchas e sua familia tinham sido recebidos durante a sua permanencia em Vianna.

Os festejos prolongaram-se depois durante a noute, sendo lançados de diversos pontos centenares de foguetes de côres, e fazendo-se ouvir as diversas philarmonicas que estacionavam nas ruas da cidade.

A familia real, no seu regresso foi do mesmo modo festejada durante o transito, achando-se alguns pontos da linha vistosamente illuminados e especialmente a estação de Barcellos. Na ponte sobre o Cavado estavam 200 homens com archotes.

O comboyo real chegou a Braga ás 10 horas da noute, sendo a familia real esperada na estação por muito povo e diversas authoridades. Para o Bom Jesus, foi seguida de muitas pessoas com archotes, achando-se tambem illuminadas as casas de varias ruas.

O infante sr. D. Augusto, que viera de Lis-

boa cumprimentar S. M. a rainha pelo seu anniversario, regressou no dia seguinte á capital, recebendo tanto á sahida de Braga, como na sua passagem pelo Porto as honras devidas á sua elevada cathegoria.

O dia 18 passou-o a familia real passeando em carruagem pelos arredores do Bom Jesus, entregando-se tambem o principe real ao exercicio da caça.

A este ultimo foi offerecido um pequenino lobo por um barbeiro de Braga.

No dia 19, el-rei, a rainha e o principe D. Affonso acompanhados pelo sr. presidente do conselho, visitaram a fabrica Social Bracarense, situada em Nogueiró e que se emprega na manufactura de chapeus.

A fabrica estava festivamente decorada, sendo os monarchas recebidos pelos proprietarios do estabelecimento e pelos operarios, que formavam alas á entrada. Tocava alli uma philarmonica, queimando-se muitos foguetes durante a visita.

Suas Magestades percorreram as officinas, por entre as acclamações dos operarios, um dos quaes leu uma allocução a el-rei, que prometteu agraciar com o habito de Christo os dous mestres da fabrica.

Esta, que occupa uns 200 operarios e despende semanalmente 400$000 reis em ferias, exporta annualmente 70:000 chapeus.

El-rei ao retirar-se, deixou consignadas as seguintes palavras no livro dos visitantes: «Desejo mil venturas a este estabelecimento fabril».

D'alli Suas Magestades seguiram para a rua de D. Pedro v, onde visitaram igualmente a fabrica de chapeus do sr. José Baptista da Silva Taxa, achando-se tambem presentes a essa visita os srs. ministro das obras publicas e deputado Alves Moura, que anteriormente tinham ido ver as escholas de desenho industrial, as repartições do governo civil e a estação telegrapho postal.

Os monarchas foram recebidos com grandes demonstrações de jubilo pelo povo que se agglomerava na rua e pelos operarios que se achavam postados á porta.

Suas Magestade Altezas examinaram detidamente todas as dependencias d'este importante estabelecimento industrial, que occupa 250 operarios e despende 500$000 reis em ferias semanaes, e conversando affectuosamente com o seu proprietario, el-rei declarou que agraciaria com o habito de Christo os dous contramestres da fabrica, como galardão dos seus meritos.

Sua Magestade escreveu no livro dos visitantes o seguinte: Este estabelecimento fabril prova o que póde a perseverança e a vontade de um homem que quer verdadeiramente nobilitar-se pelo trabalho honrado».

A' sahida, os augustos visitantes foram do mesmo modo acclamados, tocando uma philarmonica o hymno nacional e fazendo-se ouvir tambem algumas trovas populares, cantadas por um grupo de raparigas que dansavam aos sons de uma *esturdia*, composta de violas e outros instrumentos e que se achava postada em uma das salas da fabrica.

Suas Magestades dirigiram-se depois ao edificio dos Paços do Concelho, onde foram recebidos pela vereação, governador civil e administrador do concelho, achando-se á porta o corpo de bombeiros municipaes com a respectiva banda.

El-rei agradeceu as demonstrações de sympathia que tinha recebido dos bracarenses, deixando ao mesmo tempo accentuado esse agradecimento nas seguintes palavras escriptas no livro que lhe foi apresentado: «Gratissimo ao acolhimento da cidade de Braga».

Sua Magestade conversou com o secretario da camara ácerca das antiguidades de Braga e terminada a visita, as pessoas reaes recolheram ao paço, no Bom Jesus.

Como acima referimos, o sr. ministro das obras publicas visitou a eschola de desenho industrial, louvando o zelo do seu professor o sr. Francisco Manoel de Oliveira Carvalho, antes de sahir escreveu no livro dos visitantes as seguintes linhas:

«Tendo o maior prazer em abrir a inscripção n'este livro, que é registro de uma instituição verdadeiramente popular. Filho do povo, dar-me-hei por feliz se podér contribuir para fundar e alargar as instituições do ensino para os meus irmãos de origem, commemorando por este modo, como ministro, a visita de Suas Magestades e Altezas a esta nobre e leal cidade de Braga».

Ao mesmo ministro foi entregue pelo Montepio dos Artistas uma representação pedindo a creação de uma eschola profissional.

O sr. administrador do concelho de Terras do Bouro, offereceu a Sua Magestade a rainha em nome do caçador do Gerez Serafim Ribeiro, uma pequena imagem em marfim, da Virgem da Conceição, que fôra apprehendida a um dos soldados do exercito de Napoleão, por occasião da invasão franceza.

No dia 20, pelas 11 horas da manhã, toda a familia real, excepto o principe da Beira, partiu para Guimarães, onde lhe estavam preparados os pomposos festejos.

Acompanharam Suas Magestades e Altezas os ministros e outras pessoas de Braga, vendo-se adornadas com colchas as casas das ruas por onde o cortejo passou e sendo em muitos pontos lançadas flores sobre o trem real.

Durante a viagem, o povo acorria á estrada para ver e acclamar os monarchas, achando-se algumas povoações embandeiradas, taes como Morreira e S. Martinho de Sande.

Nas Caldas das Taypas, onde se viam igualmente decorações, a recepção foi mais ruidosa, tocando alli uma philarmonica e lançando-se muitos foguetes. Sobre os reas viajantes foram arremessados das janellas jorros de flores, erguendo-se ao mesmo tempo calorosos vivas.

Aguardavam n'aquella povoação a familia real os srs. condes de Margaride e de Lindoso, visconde de Paço de Nespereira, barão de Pombeiro, conselheiro Madeira Pinto, deputados Joaquim Tello, Guimarães Pedrosa e capitão Machado, e grande numero de authoridades, corporações e outras pessoas de distincção.

El-rei apeou-se da carruagem para receber os cumprimentos da camara de Guimarães, da commissão dos festejos, etc., pondo-se em seguida a caminho o prestito, que era numeroso e lusido.

Junto da carruagem real galopavam em formosos cavallos os srs. José Martins de Queiroz, Gaspar Lindoso, Ambrosio Carneiro, Luiz de Queiroz, Rodrigo Lobo de Nespereira, Bernardino Rebello e Chrisostomo.

Na real fabrica de Carreiros, os operarios dos dous sexos achavam-se formados, com uma bandeira e banda de musica, vindo um grupo de creanças offerecer um *bouquet* á rainha.

R.

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

NA PAROCHIAL EGREJA DE SANTA CATHARINA DE LISBOA
EXTINCTO CONVENTO DOS PAULISTAS

A devoção á Virgem, principalmente sob o titulo da sua Immaculada Conceição é coeva do estabelecimento da monarchia.

Paiz nenhum sobrepuja Portugal n'esta tão poetica e santa devoção, e são tantos os monumentos de todo o genero que ahi existem dispersos que não parece possa haver quem ouse contestal-o.

Não ha logar importante, não ha villa, não ha cidade, não ha valle ou montanha, onde não se encontre um quadro, um altar, uma capellinha ou um sumptuoso templo dedicado á Virgem.

A capella, que representa a estampa que hoje illustra este periodico, é sem duvida uma das mais ricas da capital e talvez de todo o reino.

A obra de talha é de subido valor artistico, e a imagem torna-se sobremaneira notavel pela sua bella posição e pelo expressivo do rosto.

Ignoram-se os nomes dos artistas a quem se devem tão primorosos trabalhos; é provavel que fossem portuguezes, pois que o estylo é portuguez de lei.

Alguma cousa sabemos, porém, da historia da capella, e para constar em todo o tempo aqui a vamos archivar.

Pertence actualmente á Real Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, mas antes pertenceu a uma outra irmandade do mesmo titulo, que foi instituida em 1654 pelo P.e Fr. Antonio de S. João, religioso do convento dos Paulistas.

A esta Irmandade, que attingiu um grande florescimento, só pertenciam senhoras tanto nobres como mecanicas, segundo refere o erudito P.e Carvalho na sua excellente obra *Corographia Portugueza*.

Em 1680 comprou a Irmandade a capella e mandou fazer um jazigo que chegava até ao meio da egreja, o qual ainda hoje existe inutilisado.

No socco da pilastra do lado direito da capella está gravada a seguinte inscripção: — *Esta capella é das irmãs de Nossa Senhora da Conceição que a compraram para seu jazigo em dezembro de 1680.*»

Nada mais sabemos ao certo da antiga Irmandade, nem mesmo sabemos se foi dissolvida antes, ou na occasião da extincção das ordens religiosas; o que sabemos ao certo é, que de tudo quanto lhe pertencia, só restam o altar, a imagem e o jazigo.

No archivo do convento dos Paulistas existiriam talvez documentos que nos poderiam illucidar, mas esses ou foram destruidos, ou existem dispersos, ou na Torre do Tombo.

Da actual Real Irmandade, a que pertencem pessoas d'ambos os sexos, sabemos que, tendo a séde da egreja parochial de Santa Catharina sido transferida no anno de 1835 para a egreja dos Paulistas, só no anno de 1855 foi que um grupo de parochianos se lembrou de organisal-a, conseguindo alistar quarenta e tantos irmãos que tiveram o nome de irmãos fundadores.

O numero de irmãos e o de donativos foi pouco a pouco crescendo, e tendo uma devota offerecido á veneranda imagem a corôa de prata, que ainda hoje tem, lembraram-se de mandal-a encarnar de novo, o que conseguiram.

Continuando a augmentar o numero dos irmãos e o dos donativos pelo muito zelo dos mezarios, poderam conseguir que Suas Magestades consentissem que se inscrevessem tambem como irmãos honorarios e juizes perpetuos.

Pelo Alvará de 6 d'abril de 1870 do Ex.mo Governador Civil obtiveram a approvação do Compromisso pelo qual se regulam.

Em 1873 os mesarios, animados pela iniciativa d'um irmão que offereceu duzentos e quarenta e cinco mil reis para a restauração da capella, poderam restaural-a, gastando setecentos e tantos mil réis, producto de esmolas.

Pelo decreto de 21 de dezembro de 1882 foi concedido á Irmandade o titulo de Real, e em 1884 foi collocado sobre o arco da capella um escudo com as armas reaes, obra de talha dourada.

A contar de 1883 até ao presente, conseguiu a Real Irmandade que se inscrevessem como irmãos honorarios os demais membros da Real Familia Portugueza e ainda alguns principes e princezas estrangeiras, que vieram a Lisboa assistir ao casamento do serenissimo Principe Real D. Carlos.

Todos os Prelados Portuguezes sagrados sem excepção, tanto os do continente, como os do ultramar, o Ex.mo e R.mo Sr. Nuncio Apostolico n'esta côrte, e mais alguns membros respeitaveis do alto clero portuguez dignaram-se tambem acceitar as patentes de irmãos honorarios.

Sua Sanctidade o Papa Leão XIII, seguindo o exemplo de seus antecessores, que enriqueceram com muitas indulgencias e privilegios a antiga Irmandade, tambem enriqueceu a actual com tres breves: um auctorisando a mudança da festa do dia 8 de dezembro para o domingo mais proximo; outro concedendo indulto de altar privilegiado, outro finalmente concedendo indulgencia plenaria aos irmãos no dia da admissão e no dia da festividade.

Enriqueceu ainda a Real Irmandade com uma benção especial para todos os irmãos e devotos, dignando-se assignar com o seu proprio punho o documento d'onde consta esta graça, que rarissimas vezes concede por similhante fórma.

No anno corrente, animada a Real Irmandade com o valioso donativo de Sua Magestade a Rainha d'um veu no valor de vinte libras, lembrou-se de mandar encarnar de novo a veneranda imagem, o que conseguiu por meio de donativos de irmãos e devotos.

A obra, que importou em cem mil réis, foi confiada a um dos mais notaveis artistas da capital o senhor Joaquim Antonio Nunes. Todas as pessoas entendidas, que a tem visto, tecem os maiores elogios ao distincto artista.

É grande o numero de objectos do culto que a Real Irmandade tem adquirido para adornar o seu altar, alguns de subido merecimento artistico e real.

Tem ella promovido sempre as suas festividades com muito esplendor, fazendo com que muitos prelados e musicos notaveis tomem parte nas mesmas.

É grande o seu zelo pelo culto e sabemos que os seus mezarios não se poupam a despezas.

Louvando o seu procedimento, que é digno de ser imitado, fazemos votos para que não esfrie nem se desvie do caminho que tem seguido, e esperamos que continuará promovendo mais e mais o augmento do culto, o qual exerce salutar influencia sobre o animo dos crentes e descrentes.

Lisboa—novembro de 1887.

Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.

AS NOSSAS GRAVURAS

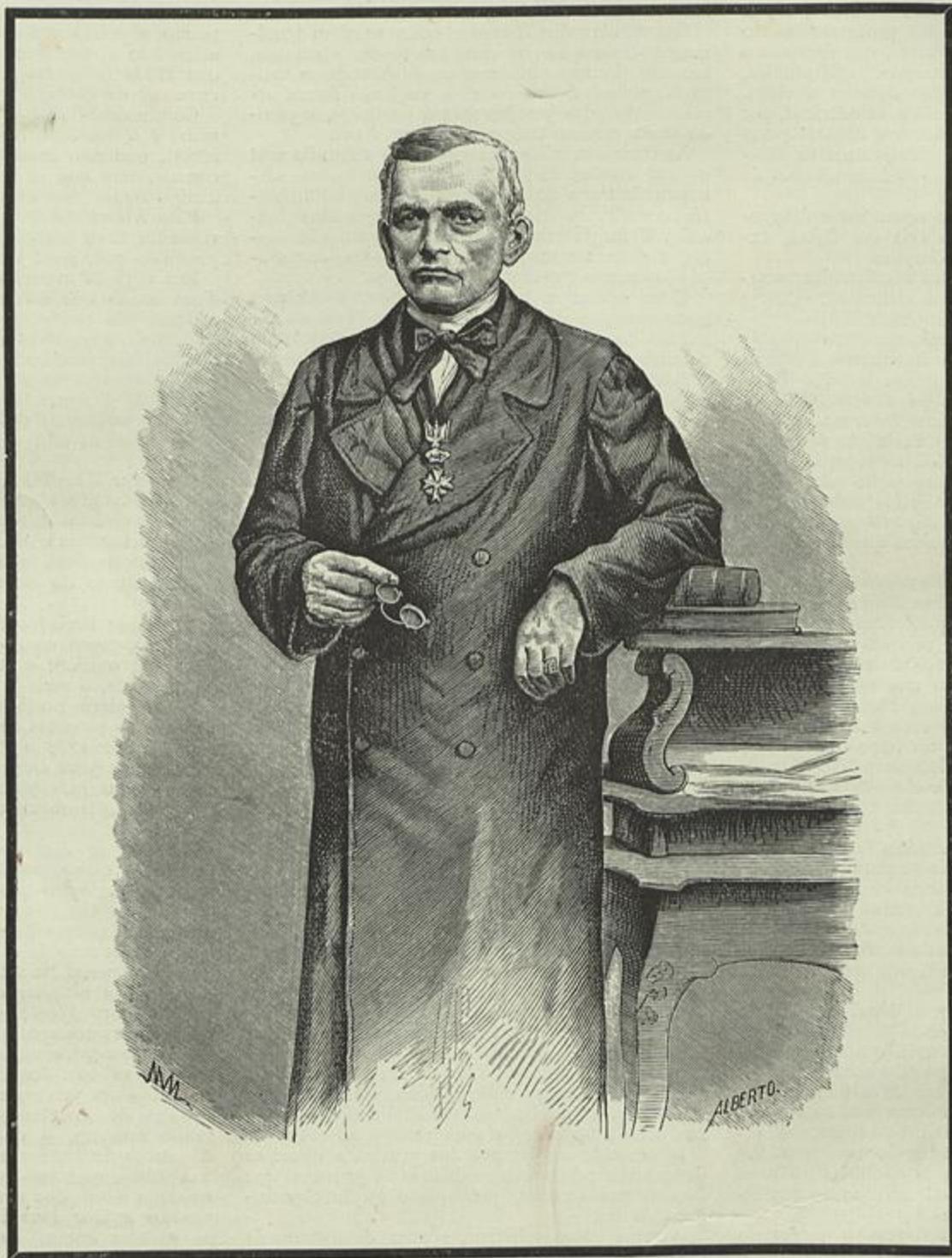
MONSENHOR JOAQUIM PINTO DE CAMPOS

Foi em 1878, que monsenhor Pinto de Campos estabeleceu a sua residencia em Lisboa, hospedando-se no hotel Bragança.

Desgostos politicos levaram-no a sahir do Brazil foi um escriptor distincto, deixando varias obras, entre as quaes citaremos: *Jerusalem*, impressões de uma viagem ao berço do christianismo; *Vida do duque de Caxias*, que bem se póde considerar a historia da guerra do Paraguay, pela immediata ligação que o illustre estadista e general brazileiro teve com esta importante campanha; *Refutação da Biblia na India*, de Luiz Jacoliot, obra que revela tanto estudo como zelo pela religião christã, e a traducção da *Divina Comedia*, de Dante, da qual publicou a primeira parte, estando a concluir a segunda.

Este ultimo trabalho litterario que lhe mereceu Brazil, iniciada pelo visconde de Rio Branco, Monsenhor Pinto de Campos foi um dos seus mais strenuos defensores, sendo o relator da commissão que, em 1871, deu o seu parecer sobre a liberdade do ventre.

Este parecer que foi impresso, é uma obra litteraria notavel, que honra sobremodo o padre e o politico.

As distinctas qualidades de Pinto de Campos valeram-lhe grande popularidade na sua provincia, e os seus compatricios não só o elegeram deputado em legislaturas seguidas, como o propozeram cinco vezes senador do imperio.

MONSENHOR JOAQUIM PINTO DE CAMPOS — FALLECIDO NO DIA 5 DO CORRENTE

(Segundo uma photographia)

seu paiz natal, e visitando Lisboa, de tal modo se agradou da formosa rainha do Tejo que resolveu fazer aqui a sua segunda patria, como elle lhe chamava.

Nascido em Payehu, provincia de Pernambuco, a 4 de Abril de 1819, foi um dos mais prestantes filhos d'esta provincia, honrando tanto a estola, como as letras e a politica do seu paiz.

Dotado de intelligencia superior, e dos mais distinctos dotes do coração, serviu a egreja e a patria com o mesmo amor e dedicação de um bom padre e de um bom patriota.

Na tribuna sagrada, ou na tribuna do parlamento foi tanto um missionario christão como um apostolo do progresso, e depois d'isto ainda os maiores cuidados, fel-o emprehender a sua ultima viagem a Italia, d'onde regressára ha pouco por Paris, tendo-se-lhe alli manifestado a doença de que veiu morrer a Lisboa.

Ainda no Brazil, Monsenhor Pinto de Campos trocava correspondencia com Alexandre Herculano, e quando este eminente historiador sustentou a sua questão com o clero, elle poz-se ao seu lado, conciliando a contenda.

Monsenhor Pinto de Campos tomou parte muito activa nas luctas politicas do seu paiz, e desde muito novo foi eleito deputado pela provincia de Pernambuco, prestando grandes serviços durante a agitação d'esta provincia em 1848.

Tratando-se da abolição da escravatura no

Mas, apesar dos desejos dos seus eleitores, o poder moderador não escolheu Pinto de Campos na lista triplice que lhe era apresentada, e d'isto nasceu o desgosto do nosso biographado, resolvendo-o a abandonar as pugnas politicas, e ausentar-se do seu paiz, ao qual tinha prestado todos os bons serviços que a sua intelligencia e saber lhes permittiam.

Varias distincções lhe foram conferidas como justa recompensa dos seus meritos, e assim possuia o grau de cavalleiro da ordem de Malta, official da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e a honra de prelado domestico de Sua Santidade, conferida por Pio IX com o titulo de Monsenhor.

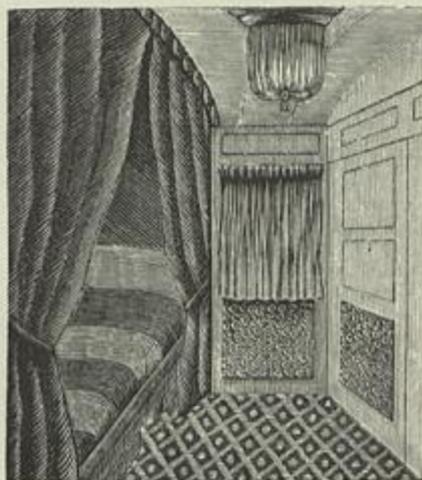
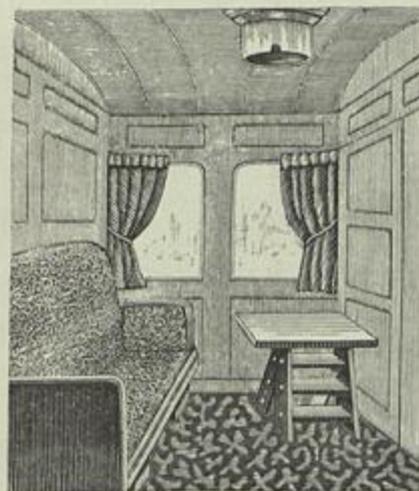
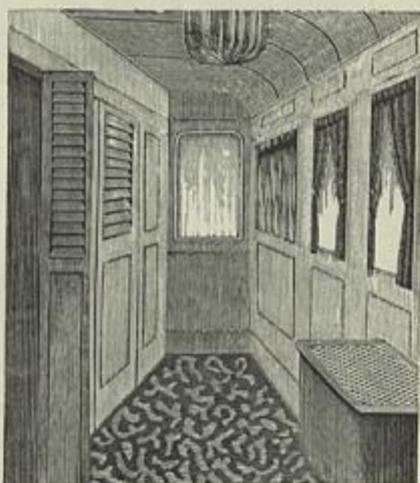
Além d'isto, Monsenhor Pinto de Campos era conego honorario da capella imperial do Rio de Janeiro.

Foi professor de eloquencia no seminario do Recife, membro do conselho superior de instrucção publica do imperio, bibliothecario da faculdade de direito de Pernambuco, socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brazil e de outras instituições scientificas da Europa.

Monsenhor Pinto de Campos era um dos mais distinctos membros da colonia brazileira em Lisboa, e contava muitas sympathias na nossa sociedade, pelo seu tracto delicado e lhano e excellentes qualidades de caracter.

A noticia do seu fallecimento, no dia 5 do corrente, foi recebida em Lisboa com verdadeiro pezar.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

VISTA EXTERIOR DO WAGON

COMPARTIMENTO DE DUAS PESSOAS DE NOITE

COMPARTIMENTO DE DUAS PESSOAS DE DIA

CORREDOR LONGITUDINAL

GABINETE

O SUD EXPRESS

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

O SUD EXPRESS

O espirito inventivo não pára nunca no seu empenho de modificar, no sentido de um maior aperfeiçoamento, tudo quanto está feito hoje, e que amanhã já passa a ser considerado antiquado, retrogrado, graças ao invencivel poder da novidade, do melhoramento, da reforma.

Entre os inventores, verdadeiramente benemeritos, que applicam a sua sciencia ao bem da humanidade, devemos contar do que se dedicou a procurar-nos a maior commodidade nas viagens; a rapidez e o conforto, durante essas horas que, sempre que as passamos caminhando para o prazer, para o imprevisto, para a distracção emfim, nos parecem rapidas, mas que, se as gastamos por necessidade, fazendo um percurso já velho, visto e revisto por nós, se tornam altamente massadoras, por vezes insupportaveis.

E ainda, quantas vezes, mesmo no primeiro caso, os incommodos da viagem faziam que muita gente desanimasse de as emprehender!

Quantas outras, por falta de tempo para o caminho, restringiam as suas digressões a um menor percurso, e até alguns, acostumados á boa meza, recuavam atterados, ante a perspectiva de um ou dois dias passados a comer á pressa os duros *beefs* dos restaurants das estações.

Foi d'este conjuncto de necessidades a attender que nasceu a Companhia Internacional dos Wagons-lits e dos Grandes Expressos Europeus, que bem se podia chamar a companhia das commodidades universaes, a benemerita do nosso somno e do nosso estomago, salvo o paladar, mais ou menos estragado, dos seus cosinheiros.

Foi ella que inventou o systema mais commodo de viajar, de comer e de dormir durante a marcha; foi ella que, por largas combinações com todas as linhas ferreas da Europa, estabeleceu os mais rapidos trens que a cruzam em todos os sentidos; foi ella, finalmente que nos trouxe, ainda ha pouco, com o Sud-express, a ligação da nossa capital com a da França em 46 horas, e com Londres em 54.

Justo é, pois, que lhe consagremos aqui algumas linhas e algumas gravuras, explicando aos leitores as commodidades que offerecem estes deliciosos carros.

Entre os differentes generos d'estes, os que circulam em as nossas linhas ferreas são de 4 qualidades.

Começaremos pelo wagon *Sleeping*, que a nossa gravura hoje representa, e que é egual ao que hoje faz o serviço do Sud Express entre Paris e Lisboa.

Este carro tem a extensão de 17 metros.

É assente sobre dois carretos, de 4 rodas cada um, para poder circular, sem perigo, nas curvas de pequeno raio, o que se consegue por estes carretos serem seguros ao leito do wagon por um eixo central que lhes permitte que o carro se desloque com facilidade, formando a secante d'essas curvas.

Tão bem organisado está o serviço d'esta Companhia que, para obviar ao inconveniente da mudança de material, quando as linhas de um paiz differem na bitola das do outro, brevemente veremos em Irun e Hendaya, as duas estações da fronteira hispano-franceza, estes rodados serem substituidos pelos que correspondem á linha em que o carro tem que circular, sem que os passageiros tenham que sahir do wagon, e sem que mesmo acordem os que estejam dormindo.

E já que estamos vendo o carro exteriormente accrescentaremos que, na parte inferior d'elle, ha tambem os accumuladores de electricidade para a illuminação interna por este systema, deposito de carvão para o calorifero que aquece todos os compartimentos, por meio de tubos aos lados do pavimento, e outros pertences.

Os grandes carros *sleeping*, têem regularmente 18 a 20 logares no interior.

Este divide-se em um longo corredor que dá serventia para os differentes compartimentos, tendo, nos extremos, luxuosos gabinetes de toilette, um para homens e outro para senhoras, onde corre com abundancia a agua fria ou quente, á vontade do passageiro, *water-closets* etc.

Tambem hoje damos, entre outras, as gravuras d'estes dois pormenores do wagon.

O chão é coberto por uma grossa capa de caoutchouc, e sobre esta, por um bello tapete, o que abafa por completo o ruido dos passos e ao mesmo tempo o do rodar da carruagem.

Ha tambem, ao fundo, um logar reservado para um creado que faz o serviço dos passageiros, podendo ser chamado do interior de cada compartimento por meio de campainhas electricas e de timbre, que veem tocar no corredor.

Os compartimentos são para 2 ou 4 passageiros.

Durante o dia, como se vê na gravura, cada duas pessoas teem á sua disposição um largo sophá mollemente estofado, em sentido transversal ao carro, sendo um logar para o lado da via e outro para o do corredor.

De noite, a transformação faz-se como por encanto.

O assento d'esse sophá levanta-se, e da caixa que lhe fica inferior, sahem fôfos colchões, travesseiros, almofadas, lençóes, todo o necessario para duas camas.

O encosto levanta egualmente e prendendo na columna da porta, fórma uma cama, á altura de uns 2 metros do chão.

Das paredes lateraes surgem fartos cortinados que dão ao improvisado quarto um aspecto de riqueza e conforto admiraveis.

As nossas gravuras dão melhor ideia da apparencia de um compartimento *de dia* e *de noite*.

Ao passageiro que durante o dia tomou logar junto á vidraça pertence-lhe a cama superior; a debaixo é para o seu companheiro que se senta de dia do lado do corredor.

Outro carro *sleeping* tambem, é o que circula nos comboios ordinarios entre Lisboa e Porto.

É mais pequeno, sómente para 10 logares e n'uma disposição parecida á d'aquelle.

Nos comboios rapidos entre Lisboa e Porto, que se effectuam de dia, o systema do carro, no interior, é differente.

Consta elle de um grande salão, para 24 pessoas em poltronas isoladas e que giram sobre o seu eixo, e dois gabinetes para 6 pessoas cada um.

É n'estes que se admittem os fumadores os quaes não podem ir no salão para não incommodarem as senhoras.

O *wagon-restaurante*, que tambem hoje damos em gravura, consta de uma sala maior e outra menor, aquella para 24 e esta para 12 pessoas.

As mezas são 6 maiores, para 4 pessoas, e 6 menores, para 2, dispostas aos dois lados; as cadeiras são de artistico couro; ao fundo, largos espelhos de Veneza reflectem o brilhantismo das luzes que illuminam profusamente o elegante salão.

As janellas são fechadas até dois terços da altura, para que o ar não possa incommodar as pessoas que se sentam ás mezas, mas abrem na parte superior para que a ventilação se faça facilmente.

Bonitas persianas de corrediça podem ser fechadas ou abertas, á vontade do passageiro.

Ali é servido o almoço ou o jantar segundo um *menu* simples mas delicado.

Produz a melhor impressão uma refeição n'aquella vasta sala, por uma tarde de verão, vendo-se perpassar aos nossos olhos um horisonte sempre variado, de montes, planicies, valles, pequenos grupos de casinhas brancas, ou grandes aglomerações de vivendas de cidades, tudo n'uma carreira vertiginosa que hentontece.

E não só por uma tarde de verão, como mesmo no inverno, quando a chuva cae a torrentes, e o vento açoita as arvores fazendo-as vergar e gemer, devem concordar que é agradabilissimo ir ali, muito quentinho, muito commodo, sem ter que sahir á estação para comer nem para qualquer outro fim, porque a previdencia com que este systema de carruagens foi estabelecido, a tudo attende, podendo o passageiro entrar para o comboio em Lisboa e não sahir d'elle senão em Paris.

A respeito do perpassar dos horisontes dizia ha tempos um francez ao sentar-se á meza:

—Quel drôle d'effet! Après diner je les ai vu disparaitre, oni mais au commencement...

L. de Mendonça e Costa.

UMA VISITA Á BATALHA

IV

O pantheon que D. Manuel começou a construir na Batalha é, como já dissemos, uma obra maravilhosa de architectura. Todo o portico é surprehendente, e ao vel-o sentimos na verdade pena de que ficasse ali, no meio de todas aquellas capellas imperfeitas, um monumento grandiosissimo de extraordinario alcance artistico.

Mas essa pena transforma-se-nos n'uma dôr de alma, profunda e dilacerante, ao presencearmos o que a ignorancia e a estupidez poderam um dia lembrar-se para *embellezar* aquella capella meio acabada.

Verdade seja que se pensarmos um pouco na heresia artistica que um guarda boçal e ignorante commetteu ali, impunemente, veremos que essa selvageria não é afinal senão uma imitação de muitos outros, feitos por toda a gente e em toda a parte do paiz. A destruição como o embellezamento, que á primeira vista parecem não se ligar entre si, no sentido de cada uma, são simplesmente dous synonimos no espirito nacional. Ordinariamente, destroe-se qualquer cousa boa, embellezando-a mal; e o Portuguez morre pelo *enfeite*, pelo recócó. Desde essas lampreias que de dentro das *vitrines* dos confeiteiros, desafiam a gulodice indigena, com os seus adornos caprichosos até ás salas burguezas, onde commendadores fardados e pintados a oleo e meninas limphaticas photographadas sob um bosque, cobrem as paredes, o que é tudo isso senão um embellezamento idiota de duas cousas indispensaveis á vida social—as paredes de uma casa, e um doce de ovos?

Embelleza o garoto que passa, com o seu lapis obsceno a brancura dos predios e dos muros, porque roe-lhe lá dentro o desejo intimo de emporcalhar; embelleza a burguezia a sua varanda de 3.º andar com os vasos de manjerico sensabor e uns cravos amarellentos, porque o jardim do visinho lhe despertou no cerebro a ideia de dar cabo dos chapeus que passam por baixo, ás 10 horas da noute; o logista que vende as ultimas modas femeninas embelleza a disposição dos córtes de fazenda que se pavoneiam na montra, com os retratos de cantores celebres, obrigando o freguez a duvidar se este tem loja de fazendas ou de photographias; e como elle todos os outros desde o merceeiro que vende bijuterias até ao ourives que vende livros de missa, o que é tudo isso senão uma confusão enorme de bom gosto com o fito unico de *enfeitar?*

Foi ainda a mania do *enfeite* que destruiu uma das maiores bellezas artisticas da Batalha. O triste isolamento das riquissimas paredes das capellas imperfeitas, impressionou profundamente o espirito do pobre guarda. E o que imaginam os leitores de que elle se lembrou?

Dar-lhes-hia de boa vontade um, dous, tres dias para o adivinhar, se não fosse a necessidade absoluta de acabar com esta minha visita á Batalha, atravez as paginas do OCCIDENTE.

É sempre bom não abusar...

Mas de que se lembrou o guarda, perguntam com certeza os leitores cheios de curiosidade.

Lembrou-se de... não sei como o diga. A commoção embarga-me a penna, lembrou-se—ahi vae—, lembrou-se de ajardinar a capella, o pantheon onde o rei afortunado quiz mostrar á posteridade o valor da architectura a que a historia chamou manuelina. Ajardinar, sim senhor. E para isso, fez umas divisões na terra, especie de alegretes, com espaço pelo meio para piso dos visitantes, como qualquer quintal burguez, alegretes onde em breve despontarão viçosas umas violetas quesquer, e onde quem sabe! talvez nasçam mais cedo ou mais tarde, umas alfacesinhas verdejantes para sallada dos jantares do guarda. Transformou n'uma horta um pantheon real. Fez de uma gloria da arte, uma gloria da hortaliça. E fel-o unica e simplesmente, como elle proprio me confessou, para *enfeitar* um pouco aquella pobre capella que o acaso abandonára.

Ora isto é mais do que ridiculo, é mais do que comico, porque é um vandalismo permanente a attestar aos vindouros e aos estrangeiros, a selvageria em que vive Portugal—ancioso por parecer paiz de gente civilisada, não passando afinal de uma horta das Tripas.

Que se dê cabo de tudo quanto de bom e de glorioso nos legaram os ante-passados, que em tempo anormal de guerra, o vandalismo destrua e roube, admitte-se, porque então todo o tempo é pouco para nos deffendermos a nós e ao nosso nome, sem pensar nas nossas glorias—porque outras surgirão depois—mas que n'esta bella epocha de paz pôdre em que vivemos, ao passo que sentimos decahir corruptas, uma a uma todas as forças vivas da nação, sem lhes podermos accudir, consintamos tambem que a ignorancia venha destruir a pouco e pouco o que de nobre, de immenso, de grandioso na arte se alevanta ainda a attestar o muito que fomos ao pé do nada em que estamos, é um crime que a historia não perdoará decerto... e que aos poderes competentes cumpre castigar sem demora.

E se qualquer cousa n'esse sentido, o auctor d'estas linhas poder conseguir, terá bem merecido do paiz e dos leitores que o leram, o perdão para a massada que elle lhes pregou.

João Costa.

FONTES PEREIRA DE MELLO

XXIV

No ultimo ministerio de Fontes Pereira de Mello, teve elle os seguintes auxiliares:

Ministros do reino.—Thomaz Ribeiro, Barjona de Freitas;

Ministros da justiça.—Julio de Vilhena, Lopo Vaz de Sampaio, Barjona *(interinamente)*, Manoel da Assumpção;

Ministros da fazenda.—Hintze Ribeiro;

Ministros da marinha.—José de Mello Gouveia, Barbosa du Bocage, Pinheiro Chagas;

Ministros dos negocios estrangeiros.—Antonio de Serpa, Barbosa du Bocage;

Ministros das obras publicas.—Hintze Ribeiro, Antonio Augusto de Aguiar, Thomaz Ribeiro.

Durante esse periodo de quatro annos e meio reformou-se a constituição, acabando-se com a hereditariedade da camara dos pares, a lei eleitoral introduzindo-se no parlamento a representação das minorias, constituiu-se o municipio independente de Lisboa, formando-se o parlamento municipal, alargando-se a cidade, de modo a incluir nos seus limites Alcantara, Belem e Pe-

drouços, Campolide e Bemfica, Luz, Carnide, Lumiar, Olivaes, Sacavem.

Fez-se a nova circumscripção diocesana, reduzindo-se as dioceses do continente do reino ao patriarchado, arcebispados de Braga e Evora, bispados de Bragança, Porto, Coimbra, Vizeu, Lamego, Guarda, Portalegre, Beja e Algarve; promulgou-se o novo Codigo Penal, que acabou com a perpetuidade das penas.

Fizeram-se profundas reformas financeiras, lançaram-se as primeiras bases de organisação militar da fiscalisação aduaneira, creou-se o rendosissimo imposto de sello sobre as loterias estrangeiras, que vinham sugar as economias dos nossos pobres, sem ao menos pesar sobre ellas a mão do fisco.

Renovou-se a nossa marinha de guerra augmentando-se-lhe o material com uma corveta, cinco canhoneiras, uma barca e um vapor, alargou-se o quadro da officialidade, reorganisou-se o corpo de marinheiros militares incluindo n'elle todos os elementos que constituem o pessoal dos navios de guerra, deram-se novas vantagens e nova organisação ao corpo dos facultativos navaes.

Uniram-se telegraphicamente por meio de um cabo submarino Angola, Guiné e S. Thomé, S. Thiago de Cabo Verde com a metropole, e por meio de outro pequeno cabo submarino Macau com Hong-Kong, contractaram-se os dois primeiros caminhos de ferro luso-africanos, o de Lourenço Marques em Moçambique já concluido, e de Ambaca em Angola, que está em construcção, fundaram-se duas colonias madeirenses em Mossamedes, contractou-se o abastecimento de aguas de Loanda, obra que está em via de execução, organisou-se o districto do Congo com os territorios contestados, e de que tomámos em grande parte posse effectiva e organisou-se o serviço de navegação do rio Zaire, creou-se em Moçambique o districto de Manica e assim se preparou o estabelecimento do nosso dominio positivo sobre a Zambezia, firmou-se a nossa influencia nas terras do successor do Muzilla com o estabelecimento de um residente portuguez junto do regulo preto, occupou-se uma parte da bahia de Tungue, occupação concluida pelo governo actual, desenvolveu-se a colonia de Timor, de modo tal que deixou de ser um peso no orçamento da colonia de Macau, estabeleceu-se a liberdade de navegação para todas as bandeiras entre Portugal e as colonias portuguezas a leste do cabo da Boa Esperança.

Pelo ministerio das obras publicas fez-se o contracto para a construcção dos caminhos de ferro da Beira-Baixa, Mirandella e ramal de Vizeu, fundaram-se as escolas industriaes, decretou-se e começou se a construcção do porto de Leixões junto da cidade do Porto, decretou-se a obra importantissima do porto de Lisboa, projecto querido de Antonio Augusto de Aguiar que este illustre estadista apresentou, e que o proprio Fontes, como ministro interino das obras publicas, teve a gloria de fazer approvar pelo parlamento.

Finalmente no ramo especial dos negocios da guerra cuja pasta gerio teve o grande ministro a gloria de decretar a excellente organisação do exercito que hoje está em vigor. Por essa organisação a infanteria voltou a ter os 24 regimentos, com que entrára na guerra peninsular. Por muito tempo estivera o exercito portuguez reduzido a ter dezeseis regimentos de infanteria, um de granadeiros e nove batalhões de caçadores. Pouco depois de 1851 creou-se um novo regimento de infanteria que foi o 17, d'ahi a annos supprimiu-se o regimento de granadeiros, que não tinha razão de ser, metteu-se na organisação geral com o numero 2 de infanteria, passando o regimento que era 2 a ser 18. Reconhecendo-se emfim a difficuldade enorme que havia em trazer para o continente do reino os recrutas das ilhas adjacentes, crearam-se nas ilhas tres batalhões de caçadores, que nas mesmas ilhas seriam recrutados, e que receberam os numeros 10, 11 e 12.

Tinha a cavallaria 2 regimentos de lanceiros e 6 de caçadores a cavallo, 3 regimentos a artilheria. O proprio Fontes organisára n'um dos seus ministerios anteriores um 4.º regimento.

Pela organisação crearam-se seis novos regimentos de infanteria, dois de cavallaria, um de artilheria, e os batalhões de caçadores passaram a ser regimentos. Ficou assim o exercito portuguez composto de 24 regimentos de infanteria de linha, 12 de caçadores, 2 de lanceiros, 8 de caçadores a cavallo, 5 regimentos de artilheria, 1 de sapadores, total 52 regimentos de todas as armas.

Alem d'isso a nova lei organisava tambem as reservas, condição essencial para a constituição de um exercito nos tempos modernos, dando á primeira reserva consistencia bastante para que n'um dado momento podesse correr ás armas, e formar logo com a primeira linha um todo compacto, e lançando nas segundas reservas todos os elementos validos do povo, recurso supremo do paiz n'uma hora de angustia.

Tempo depois completava a sua obra, renovando o armamento do exercito, e augmentando com a compra de novos torpedeiros os elementos de defeza da capital do reino. A Fontes Pereira de Mello deve ella todos os que tem, o couraçado, as fortificações, os torpedos, e o artilhamento de S. Julião da Barra.

Finalmente o ministerio dos negocios extrangeiros levou a cabo a mais importante negociação dos tempos modernos, conseguindo, apezar da hostilidade de toda a Europa, fazer reconhecer emfim os nossos direitos ás regiões do Zaire, e annexar á provincia de Angola um vasto paiz que constitue o actual districto do Congo. Por essa negociação levámos os limites septentrionaes da provincia até ao rio Zaire, conservando ao norte d'esse rio a região de Cabinda accrescentada com alguns territorios que annexáramos ao norte do parallelo 8º 12', linha onde tinham sempre parado até ahi as nossas pretenções. Foi tambem n'esse tempo que se encetaram as negociações para a regularisação da questão do Padroado, para a fixação dos nossos limites ao sul de Angola, e na Guiné.

Foi n'esse tempo emfim que o ministerio do Ultramar lançou para o centro da Africa as tres grandes expedições scientificas de Capello e Ivens, Serpa Pinto, e Henrique de Carvalho. A recepção feita aos dois grandes exploradores Capello e Ivens em Lisboa e no Porto constituio uma das festas mais patrioticas, mais enthusiasticas de que ha memoria nos annaes d'este seculo, em Portugal.

Tambem pelo mesmo ministerio se promoveu a ida dos productos coloniaes portuguezes á Exposição de Antuerpia. A nossa exposição obteve alli um verdadeiro triumpho, que redundou em gloria para o paiz.

Taes foram os principaes serviços prestados a Portugal pelo ultimo ministerio presidido por Fontes Pereira de Mello, que ainda teve a honra de negociar o casamento do principe real com a princeza Maria Amelia de Orléans. Pouco depois de annunciar officialmente ás camaras que estava ajustado esse casamento, o ministerio pediu a demissão, e no dia 2 de fevereiro de 1886 entregava Fontes o poder ao novo presidente do conselho o sr. José Luciano de Castro.

Saindo do poder foi tomar a presidencia da camara dos pares, e, encerradas as camaras, saiu para uma viagem de recreio na Europa, viagem em que encontrou as sympathias, que sempre o tinham rodeiado.

Voltou descançado, fresco, respirando saúde, e animado do mais vivo ardor, desejoso de encetar a campanha politica contra o ministerio que pouco depois de encerradas as camaras assumira a dictadura. Segundo o seu costume foi passar a estação calmosa em Pedrouços, e no dia dos seus annos, 8 de setembro, reunira em sua casa algumas das pessoas mais intimas; nunca se mostrára mais alegre, mais juvenil. Quem podia adivinhar n'aquella noite de verdadeiro jubilo, vendo-o perfeitamente radiante, que estava tão proxima a catastrophe?

No fim d'esse anno de 1886 teve comtudo uma grande contrariedade. O senhorio da casa em que morava desde alguns annos, casa de que gostava muito, e que lhe era muito commoda, participou-lhe que ia residir para ella, e que era portanto obrigado a pedir-lhe que saisse. Foi para elle uma verdadeira semsaboria. Comtudo julgou-se feliz em encontrar uma casa em optimas condições, elegante, com boas disposições interiores, um *hall* magnifico cercado de uma galeria, uma casa feita deveras com gosto. E tanto lhe agradou que se resignou mesmo á contrariedade de pagar uma somma um pouco mais forte do que aquella de que lhe convinha dispôr, na modestia relativa dos seus recursos. para as suas despezas de residencia. Era a casa em que um anno antes morrera Anselmo Bramcaamp. Quando lhe fallavam n'isso como de um mau agouro, Fontes ria-se. Parece não o ter salteado nem por um instante um triste presentimento. Quando, ao abrir-se a camara, reuniu no *hall*, de que acima fallámos, os seus amigos que compunham a maioria parlamentar, mostrou-se deliciado com a sua casa nova, e completamente consolado de ter perdido a outra de que tanto gostava. A Morte cobriu de flores o precipicio em que ia de subito desappparecer aquella brilhante e gloriosa existencia.

(Concluir-se-ha)

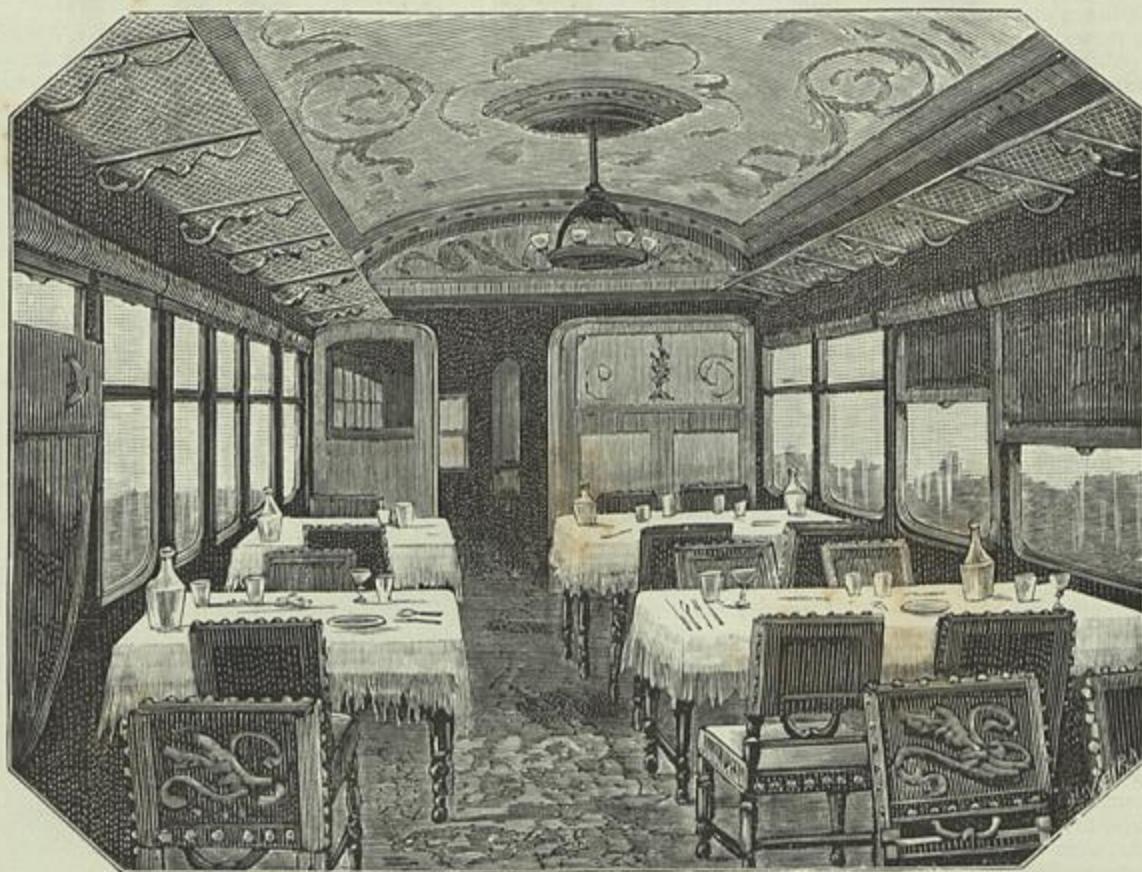
Pinheiro Chagas.

RESENHA NOTICIOSA

Photographias. Alguns estudantes da Escola do Exercito que este anno concluiram o curso de infanteria, tiraram photographias dos animaes existentes no Jardim Zoologico assim como de varios pontos do mesmo jardim. Projectam tambem tirar mais algumas photographias dos sitios mais pittorescos dos arrebaldes de Lisboa, e reunirem todas em album, como recordação dos seus ultimos estudos escolares.

Medalha da Sociedade de Beneficencia Brasileira. Esta benemerita sociedade cuja missão é soccorrer os brasileiros pobres residentes em Portugal, deliberou ha dois annos mandar cunhar uma medalha destinctiva para os seus associados. O sr. conde de Franco, um dos socios mais prestantes d'esta sociedade, tomou sobre si o encargo de, á sua custa, mandar fazer os cunhos da referida medalha, em Paris, e cunhar as medalhas de ouro destinadas a Suas Magestades o Imperador e Imperatriz do Brasil, el-rei D. Luiz e rainha D. Maria Pia, e Suas Altezas os condes de Eu, socios honorarios. Estas medalhas, primorosamente executadas, foram entregues no dia 2 do corrente, anniversario natalicio do imperador D. Pedro II, a Suas Magestades El-rei D. Luiz e rainha D. Maria Pia, no palacio da Ajuda, por uma commissão composta dos srs. Vieira da Silva, Henrique Guimarães, e conde de Aljezur, a qual foi aprezentada a Suas Magestades pelo sr. barão de Carvalho Borges, ministro brasileiro n'esta côrte. N'este mesmo dia deviam ser entregues em Marselha a Suas Magestades o imperador e imperatriz do Brasil estas medalhas, por uma commissão composta dos srs. visconde de Nioac, de Carapebuz e de Motta Maia. No Rio de Janeiro, uma outra cammissão, composta dos srs. conde de S. Salvador de Mattosinhos, visconde de Figueiredo e barão de Flamengo foi encarregada de fazer entrega das medalhas destinadas a Suas Altezas os condes de Eu. A medalha tem n'uma das faces o busto da duqueza de Bragança, fundadora da sociedade, e em volta «Sociedade de Beneficencia Brazileira em Portugal» e na outra face uma corôa de louro tendo no meio «2 de Dezembro de 1868», data da fundação da sociedade. Estas medalhas custaram cerca de 3:600$000. A *Sociedade de Beneficencia Brasileira* tem actualmente grande numero de socios, e um valioso capital que a habilita a prestar todo o auxilio aos seus compatriotas menos favorecidos da fortuna.

Presidencia da Republica Franceza. Depois de uma laboriosa crise em França motivada pela demissão do ministerio, de que já démos noticia aos nossos leitores, crise que se estendeu até á presidencia e excitou os animos na rua, o presidente da Republica Franceza enviou ao parlamento a sua mensagem resignando a presidencia. Esta resolução não foi tomada, sem que primeiro fossem ouvidos todos os homens mais importantes da politica franceza, tendo o presidente reconhecido a impossibilidade de encontrar um chefe para o novo gabinete. O sr. Grevy disse na sua mensagem apresentada ao parlamento, no dia 2 do corrente: «Eu teria o direito e o dever de ficar; mas, para evitar um conflicto, a prudencia e o patriotismo aconselham-me a ceder». O congresso reuniu á noite e realisou um escrutinio preparatorio que deu em resultado o seguinte: Freycinet, 190 votos; Brisson, 84; Sadi-Carnot, 27; Floquet, 26; Ferry, 11. Entretanto os animos em Paris estavam cada vez mais exaltados com respeito ao resultado da eleição, manifestando-se a opinião publica contraria a Ferry. No dia 3 effectuou-se a reunião plenaria, procedendo ao primeiro escrutinio com 552 votantes, cujo resultado foi o seguinte: Ferry, 200 votos; Freycinet, 193; Brisson, 81; Sadi-Carnot, 69; Saussier, 7; No segundo escrutinio os votantes foram 553, e deu o seguinte resultado: Ferry, 216 votos; Freycinet, 196; Brisson 79; Sadi-Carnot, 61. No terceiro escrutinio houve 505 votantes, e deu o resultado seguinte; Ferry, 179; Sadi-Carnot, 162; Feycinet, 109; Brisson 52. Ás 2 horas da tarde reuniu o congresso composto de todos os senadores e deputados em numero de 852 votantes, e procedeu ao primeiro escrutinio que deu os seguintes votos: Sadi-Carnot, 303; Ferry, 212; Saussier, 148; Freycinet, 76; Appert, 72; Brisson, 26; Floquet, 5; Felix Pyat, 2; Anatole de la Forge, 2; Pasteur, 2; e Spuller 1. Em vista d'esta votação, procedeu-se a segundo escrutinio, em que

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

O SUD EXPRESS—INTERIOR DO WAGON RESTAURANT

o sr. Sadi-Carnot obteve então a maioria absoluta de 616 votos. Este resultado inesperado, veiu tranquilisar completamente o espirito publico quer na França quer fóra da França, porque o sr. Sadi-Carnot, republicano de origem, offerece pela sua conducta politica, os requisitos necessarios para desempenhar uma presidencia isenta de paixões partidarias e mantenedora da paz interna e externa, sem quebra da dignidade da França. O sr. Sadi-Carnot tem encontrado, entretanto, difficuldade na organisação do novo ministerio que deve substituir o demittido, não se sabendo até esta data quem acceitará a presidencia do novo gabinete. No proximo numero do Occidente publicaremos o retrato do novo presidente da republica franceza com algumas notas biographicas.

Inauguração do Caminho de Ferro de Salamanca. Foi inaugurado no dia 9 do corrente o ramal do caminho de ferro de Salamanca, que põe em communicação directa o norte de Portugal, com Madrid e com a França, fazendo o trajecto entre o Porto e Madrid, em 23 horas, e entre aquella cidade e Paris, em 45 horas.

Premio D. Luiz I. Reuniu no dia 10 do corrente a segunda classe da Academia Real das Sciencias, para votar a adjudicação do premio D. Luiz I, em vista do parecer apresentado pela commissão, para esse fim nomeada, e a que nos referimos em o numero antecedente.

Estavam presentes os srs. Jayme Moniz, Silveira da Motta, visconde de Benalcanfor, Silvestre Ribeiro, João Basto, Teixeira de Aragão, Antonio de Serpa, Dias Ferreira e Pinheiro Chagas socios effectivos, e Luiz Augusto Palmeirim, Candido de Figueiredo, Antonio Candido, visconde de Monsaraz, Chrystovão Ayres, Alvaro Rodrigues de Azevedo e Delphim de Almeida, socios correspondentes. Em votação nominal foi approvado o parecer que concluia por conceder o premio ao volume de theatro do sr. Henrique Lopes de Mendonça, que encerra o *Duque de Vizeu* e a *Noiva*. O parecer foi approvado por maioria, votando contra os srs. Antonio Candido, visconde de Monsaraz, Chrystovão Ayres e Candido de Figueiredo, que declararam que a sua opinião era favoravel á adjudicação do premio aos *Amores de Julia* do sr. Sousa Monteiro. O sr. Chrystovão Ayres allegou porém que o seu espirito vacillava entre o *Duque de Vizeu* e os *Amores de Julia*, e que não teria duvida em votar o parecer, querendo apenas com o seu voto concorrer para que a academia, embora concedesse o premio a uma d'essas obras, não deixasse de manifestar a estima em que tinha a outra. O sr. Antonio de Serpa, que votou o parecer, lamentou que o regulamento lhe não permittisse votar a divisão do premio entre os *Amores de Julia* e o *Duque de Vizeu*.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Gazeta dos theatros, *revista illustrada, biographica, critica e noticiosa*, director litterario Raphael do Valle, J. B. Nunes Corrêa e José Antonio de Araujo Ferreira proprietarios. Lisboa. N.º 1 e 2 com os retratos do actor Brazão e da actriz Lucinda do Carmo, sendo este ultimo magnifico. O texto consta das biographias dos dois artistas, de uma revista dos theatros de Lisboa e noticias theatraes, etc. A *Gazeta dos Theatros* é uma bella publicação, talvez a melhor que, no seu genero, se tem feito entre nós.

O Paiz das Pelles, segunda parte, *A Ilha Errante*, por Julio Verne, traducção de Marianno Cyrillo de Carvalho, etc. David Corazzi, editor. Lisboa, 1887. Este volume das obras de Julio Verne pertence á grande edição popular, que tão bom acolhimento tem tido do publico, e cuja publicação se faz mensalmente com toda a regularidade.

As Farpas, *o paiz e a sociedade portugueza*, Ramalho Ortigão, David Corazzi editor Lisboa. Fasciculo n.º 16 e ultimo do segundo volume.

Uma Cidade Fluctuante, Julio Verne, traducção de Pedro Guilherme dos Santos Diniz, David Corazzi editor, Lisboa. Edição popular das viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos.

Elementos para a historia do Municipio de Lisboa, por Eduardo Freire de Oliveira. Tomo II, folhas 7 e 8, com documentos relativos aos annos de 1624, ou do dominio hespanhol em Portugal.

Diogo Cook, *biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos* etc. David Corazzi editor, Lisboa. Volume n.º 21 com o retrato e biographia do grande navegador do seculo passado, descobridor da *Nova Zelandia*, *Nova Caledonia* e grande numero de ilhas na Oceania.

Typ. Castro Irmão—Rua da Cruz de Pau 31—Lisboa